

A Língua Portuguesa em Dia

Francine Baranoski Pereira
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Francine Baranoski Pereira

(Organizadora)

A Língua Portuguesa em Dia

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755 A língua portuguesa em dia [recurso eletrônico] / Organizadora Francine Baranoski Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-89-5

DOI 10.22533/at.ed.895182211

1. Língua portuguesa. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 469.04

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra intitulada: "A Língua Portuguesa em Dia" traz uma riqueza de estudos nas grandes áreas: Gramática, Língua e Literatura, áreas que possuem identidades próprias, que se complementam e propiciam a reflexão e compreensão dos fenômenos da linguagem em suas diversas manifestações.

Os artigos desta edição, fazem um convite ao leitor/professor/estudante da área e/ ou demais interessados a compreender o discurso literário de diversos autores brasileiros e estrangeiros, dentre eles: Clarice Lispector, Ana Miranda, Eulálio Motta, Carson McCullers, Luandino Vieira, José Lins do Rego, Suleiman Cassamo, Paulina Chiziane sob múltiplos enfoques. Mostram estudos que ressaltam a importância do uso da gramática, do dicionário, do ensino de diversos gêneros textuais em sala de aula. Apresentam análises e eventos discursivos, variedades linguísticas, contribuições para o ensino de língua estrangeira, uso da tecnologia no ensino do Português e ensino de Libras em um relato de experiência. Todos os capítulos contém embasamento teórico seguido de explicações, indagações e reflexões ou relatos, provocando no leitor a construção de suas compreensões e interpretações e por fim, do seu próprio conhecimento dos estudos apresentados.

Deste modo, a leitura desta obra propiciará inúmeras contribuições para leitores, professores, estudantes e pesquisadores em suas leituras, práticas e pesquisas neste âmbito plural, pois traz o conhecimento científico em distintas áreas que perpassam Língua e Literatura.

Francine Baranoski Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AMBIVALÊNCIA ENTRE A TEMPORALIDADE NARRATIVA FICCIONAL E A TEMPORALIDADE HISTÓRICA NA OBRA <i>BOCA DO INFERNO</i> DE ANA MIRANDA	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822111	
CAPÍTULO 2	11
A NORMALIZAÇÃO NA TRADUÇÃO DO VOCÁBULO “MORTE/DEATH” EM DUAS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR TRADUZIDAS PARA A LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO BASEADO EM CORPUS	
<i>Thereza Cristina de Souza Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822112	
CAPÍTULO 3	22
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA “TERRA DE PROMISSÃO”, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Pâmella Araujo da Silva Cintra</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822113	
CAPÍTULO 4	36
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA CARNAVAL DE MUNDO NOVO, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Maria Rosane Vale Noronha Desidério</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822114	
CAPÍTULO 5	48
EM BUSCA DE RESPOSTAS: DEUS EXISTE?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<i>Leila Maria Tinoco Boechat Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822115	
CAPÍTULO 6	63
EM CENA A LENDA AMAZÔNICA: A MATINTA PERERA	
<i>Rosalina Albuquerque Henrique</i>	
<i>Célia Suely Abreu Cota</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822116	
CAPÍTULO 7	73
LITERATURA E MÚSICA NOS CONTOS “WUNDERKIND” E “MADAME ZILENSKY E O REI DA FINLÂNDIA” DE CARSON MCCOLLERS	
<i>Júlia Reyes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822117	
CAPÍTULO 8	87
LUANDINO VIEIRA PELOS CAMINHOS DA PAISAGEM, DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA EM LUUANDA	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822118	
CAPÍTULO 9	100
MEMÓRIA CULTURAL DOS ESCRITORES: AS ENGRENAGENS DE JOSÉ LINS DO REGO.	
<i>Evandro Figueiredo Candido</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822119	

CAPÍTULO 10	115
ENTRE CULTURAS: A MISSÃO CIENTÍFICA AUSTRO-ALEMÃ DE 1817 AO BRASIL	
<i>Leonardo Ferreira Kaltner</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221110	
CAPÍTULO 11	130
UM PASSEIO PELAS RUAS, CIDADES E VIDAS EM SULEIMAN CASSAMO	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
<i>Fabiana Rodrigues de Souza Pedro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221111	
CAPÍTULO 12	140
PROCEDIMENTO LITERÁRIO DE PAULINA CHIZIANE “VENTOS DO APOCALIPSE”	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Ana Maria de Carvalho Leite</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221112	
CAPÍTULO 13	148
CARACTERÍSTICAS CENTRAIS DA NARRATIVA GÓGOLIANA E A MOTIVAÇÃO MORAL A PARTIR DE TCHITCHIKOV EM ALMAS MORTAS, DE NIKOLAI GÓGOL	
<i>Márlon Coí Rojas</i>	
<i>Evandro Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221113	
CAPÍTULO 14	152
A TRAVESSIA DA LETRA E DAS PERSONAGENS CLARICIANAS	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221114	
CAPÍTULO 15	167
ANÁLISE DA PROPAGANDA ORAL À LUZ DOS ESTUDOS RETÓRICO-CONVERSACIONAIS	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221115	
CAPÍTULO 16	180
A INTERFACE SEMIOLINGUÍSTICA NAS CANÇÕES DE NANDO REIS NO ESTUDO DA LEITURA	
<i>Carmen Elena das Chagas</i>	
<i>Pânmeila Franco Bispo dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221116	
CAPÍTULO 17	191
A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Fátima Stela Bezerra Viana Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221117	
CAPÍTULO 18	199
O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA NAS ENTRELINHAS DE PESQUISAS	
<i>Amós Coêlho da Silva</i>	
<i>Anne Marilyn Silva Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221118	

CAPÍTULO 19	213
ANÁLISE DAS REGRAS DE FÓRONS DE FANFICTIONS COMO ESTRATÉGIA NA ADEQUAÇÃO DA ESCRITA DOS JOVENS ÀS NORMAS ORTOGRÁFICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
<i>Elaine Santana de Souza</i>	
<i>Luciano Dias de Sousa</i>	
<i>Raquel Veggj Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221119	
CAPÍTULO 20	225
ANÁLISE DO DISCURSO DE UMA CAMPANHA DE SAÚDE FEMININA	
<i>Edelyne Nunes Diniz de Oliveira</i>	
<i>Lucineide Matos Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221120	
CAPÍTULO 21	237
ANÁLISE DO LOGOS ARISTOTÉLICO NO GÊNERO TEXTUAL DEBATE POLÍTICO TELEVISIONADO	
<i>Romildo Barros da Silva</i>	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221121	
CAPÍTULO 22	254
ANÁLISE SEMÂNTICA DO ROTEIRO DE TELENOVELA	
<i>Simone Dorneles Severo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221122	
CAPÍTULO 23	279
AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO ANÚNCIO NO ESTÍMULO À LEITURA	
<i>Géssica Pereira Monteiro Rangel</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221123	
CAPÍTULO 24	290
AS FORMAS PRONOMINAIS TU, VOCÊ E O(A) SENHOR(A) NO PORTUGUÊS FALADO EM CAMETÁ-PARÁ	
<i>Raquel Maria da Silva Costa</i>	
<i>Karina Pereira Castro</i>	
<i>Kéttelen Mayara Tavares Brito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221124	
CAPÍTULO 25	304
ATIVIDADES DE REFERENCIAÇÃO: O USO DE MARCADORES TEMPORAIS EM NARRATIVAS AFILIADAS AO LENDÁRIO AMAZÔNICO	
<i>Heliud Luis Maia Moura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221125	
CAPÍTULO 26	318
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PERSPECTIVA: O QUE AS PESQUISAS (NÃO) TÊM A DIZER SOBRE A PERSONALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM?	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Adriene Ferreira de Mello</i>	
<i>Dulce Helena Pontes-Ribeiro</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221126	

CAPÍTULO 27	334
ENSINO DE LIBRAS L2 NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Andréa dos Guimarães de Carvalho</i>	
<i>Gilmar Garcia Marcelino</i>	
<i>Kelly Francisca da Silva Brito</i>	
<i>Renata Rodrigues de Oliveira Garcia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221127	
CAPÍTULO 28	341
EVENTOS DISCURSIVOS CARREGADOS DE SENTIDOS: EFEITOS MONITORÁVEIS?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Thiago Soares de Oliveira</i>	
<i>Sérgio Arruda de Moura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221128	
CAPÍTULO 29	354
GÊNEROS TEXTUAIS, TECNOLOGIA E ENSINO DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS.	
<i>Ângela Marina Bravin dos Santos</i>	
<i>Arthur Lima de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221129	
CAPÍTULO 30	361
O QUE DIZEM AS REDAÇÕES DO ENSINO FUNDAMENTAL I ? - UMA PESQUISA BASEADA EM CORPORA	
<i>Elaine Cristina Ferreira de Oliveira</i>	
<i>Adriane Orenha-Ottaiano</i>	
<i>Ravel João da Silva Gimenes</i>	
<i>Leandro Ferreira de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221130	
CAPÍTULO 31	370
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE OS DIÁLOGOS DIDÁTICO NOS LIVROS DE LÍNGUA INGLESA	
<i>Sonia Maria da Fonseca Souza</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
<i>Poliana da Silva Carvalho</i>	
<i>Vyvian França Souza Gomes Muniz</i>	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221131	
CAPÍTULO 32	385
ENTRE FATOS E HIPÓTESES: A LINGUAGEM EM ANÁLISE	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Leonardo Gomes de Souza</i>	
<i>Fernanda Soares Wenceslau</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221132	
SOBRE A ORGANIZADORA	401

ANÁLISE DA PROPAGANDA ORAL À LUZ DOS ESTUDOS RETÓRICO-CONVERSACIONAIS

Maria Francisca Oliveira Santos
(PPGLL/UFAL/UNEAL)¹

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo teve por objetivo analisar o gênero discursivo *spot* (propaganda oral), que acontece em ambiente radiojornalístico, com a finalidade principal de observar nele como acontecem as marcas retórico-conversacionais, que num conjunto uníssono acontecem em ambiente assimétrico de sala de aula, expandindo-se por outros espaços sociais, onde a linguagem medeia as relações sociais. Existem, pois, dois lados teóricos em assonância: o conversacional, por ser o texto oral, exibindo características como as interrupções, os truncamentos, as pausas, as entonações, entre outras categorias, representadas por Goffman (1967, 1998), Kerbrat-Orecchioni (2006), Santos (1999, 2004), além de outros; o retórico, por exibir um retor que dialoga com um auditório social, a fim de persuadir acerca do que deseja transmitir, representados por Aristóteles (s/d), Perelman (1982, 1997).

Assim, centra-se efetivamente no diálogo

¹ Possui estágio de Pós-doutorado pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. É Mestra e Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. É Professora do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – PPGLL/UFAL. É Professora titular da Universidade Estadual de Alagoas, em Arapiraca – UNEAL. É Líder do Grupo de Pesquisa Linguagem e Retórica (CNPq/UNEAL). E-mail: mfoal@gmail.com

entre esses estudos, os conversacionais e os argumentativos no discurso de sala de aula, discutindo os caracteres retóricos e conversacionais e sua aplicação nas questões relacionadas ao ensino da Língua Portuguesa, extrapolando sua utilização a outros ambientes sociais. Para isso, propõe-se a análise, em sala de aula, de textos pertencentes ao gênero propaganda oral, oriundos do contexto radiojornalístico.

Para subsidiar tal análise, buscam-se teóricos na linha da argumentação (retórica como arte de persuadir pelo discurso) e na linha dos estudos conversacionais: a primeira se justifica por especificar as marcas argumentativas que melhor persuadem o retor, e a segunda, por mostrar que o gênero propaganda oral dá-se com marcas da língua falada, representadas por marcadores conversacionais, bem como por outros aspectos da esfera da oralidade, a exemplo dos operadores e marcadores conversacionais, das repetições e expressões de cortesia e descortesia e outras particularidades orais.

Com base nisso, buscam-se o inter-relacionamento entre a Análise da Conversação e a Retórica e a aplicação na sala de aula e em

outros ambientes, para o que as seguintes perguntas foram formuladas: Quais os elementos retórico-conversacionais que possibilitam maior clareza ao sentido do objeto teórico nas relações de sala de aula ou em outros ambientes? É possível persuadir o outro com o uso desses elementos no discurso? A resposta a essas questões constituiu o caminho deste trabalho.

2 | OS ESTUDOS CONVERSACIONAIS

A importância atribuída à escrita, pelos seus matizes estruturais e históricos, certamente, colocou, de lado, o estudo da fala (oralidade), sobretudo na sua efetivação de ensino em sala de aula. Assim, assuntos da oralidade pouco são veiculados nos livros didáticos, uma vez que, em sua grande maioria, trabalham-se regras, quando se refere ao estudo gramatical; identificam-se informações textuais, no que se refere a exemplos de compreensão e induz-se à produção de textos escritos, nas atividades de redação (MARCUSCHI, 2001, p.19). Para o autor, indicar a oralidade nas questões do ensino de língua exige entender as línguas não apenas como um código que permite a comunicação, “mas fundamentalmente uma atividade interativa (dialógica) de natureza sociocognitiva e histórica” (p. 20).

A oralidade entra no espaço de aula, por meio de assuntos como níveis de uso da língua, o estudo das variações (sociolinguística, dialetal, estratégias comunicativas, situações comunicativas, seleção lexical, entre outras), os quais podem levar ao estudo argumentativo da língua falada, utilizado pelos interactantes, no discurso de sala de aula. Marcuschi (2002, p.31-2) sugere propostas de atividade para a execução dessa categoria em aula. Neste trabalho, apenas 3 (três) dessas atividades foram destacadas, quais sejam:

1. Análise da polidez e sua organização na fala. De maneira especial observar como este aspecto interfere de maneira decisiva na qualidade da interação verbal e até mesmo na compreensão e natureza dos atos de fala praticados.
2. Identificação dos papéis dos interlocutores e dos diversos gêneros produzidos determinando suas características (estruturais e comunicativas) com base em indicadores tais como, número de participantes, papéis [...].
3. Identificação de alguns aspectos típicos da produção oral, tais como as hesitações, os marcadores conversacionais, as repetições de elementos lexicais, os modalizadores, os dêiticos etc.

A linguagem apresenta na escrita marcas da oralidade, que tem características específicas, presentes em quaisquer ambientes das relações humanas. Pela sua importância e aplicabilidade, nas situações de ensino e de envolvimento e em outros ambientes comunicativos, este trabalho centra-se no estudo da conversação, prática social que propicia aos indivíduos comportarem-se como seres sociais suscetíveis à aquisição de outras práticas.

Nessa ação, pode acontecer o exercício da fala, sendo necessárias, para que o jogo interativo aconteça no circuito do radiojornalismo (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 7-8): a) uma *alocução* (por haver necessidade de um destinatário, que é naturalmente diferente do falante); b) uma *interlocução* (o diálogo se faz evidente, havendo troca de palavras – escritas ou orais–, o que exige a permuta de papéis entre emissor e receptor, acontecendo a comunicação oral face a face, embora, neste trabalho, as respostas sejam dadas posteriormente, por tratar-se de programa de rádio); e c) *uma interação* (os participantes podem exercer influências uns sobre os outros, na troca comunicativa), para que o jogo interativo se instaure de forma a persuadir os participantes desse diálogo. Enfim, analisar a interação significa entender a ação que uns exercem sobre os outros na troca comunicativa. Kerbrat-Orecchioni (2006, p.8, grifos da autora) assim se refere à interação:

[...] **o exercício da fala implica uma interação**, ou seja, ao longo do desenrolar-se de uma troca comunicativa qualquer, os diferentes participantes, aos quais chamaremos ‘interactantes’, exercem uns sobre os outros uma rede de **influências mútuas** – falar é trocar, e mudar na troca.

Os participantes dessas ações comunicativas são respectivamente locutor e ouvintes, estando no fluxo interativo dos turnos de fala, por meio dos quais circula o gênero discursivo propaganda oral. É, pois, um gênero, que apresenta forma de legitimação discursiva, uma vez que se situa em um contexto definido, numa relação sócio-histórica, que o ratifica como produção social (MARCUSCHI, 2007, p.29), permitindo, assim, a divulgação propagandística do objeto de divulgação financeira.

A conversação realizada por meio do gênero em estudo pode “[...] implicar um número relativamente restrito de participantes cujos papéis não estão predeterminados, que gozem em princípio dos mesmos direitos e deveres [...]”, sendo igualitários ou não (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.13); nomeados por Fávero *et aliae* (2003, p.16) como relativamente assimétricos e simétricos.

2.1 Objeto e características da conversação

O termo conversação vem do latim *conversatio, onis*, significando convivência, ação de viver juntos; é um substantivo ligado ao verbo conversar, *conversare*, que significa estar sempre no mesmo lugar. Indica, pois, uma atividade em que duas ou mais pessoas interagem, alternam-se constantemente e discorrem acerca de determinados temas do cotidiano (FÁVERO *et aliae*, 2003, p.15).

A conversação apresenta características específicas, entre as quais se encaixa a possibilidade de *aproximação, diálogo e convivência* entre os interactantes das ações discursivas. Desse modo, para Marcuschi (2001, p.15), essa categoria tem como características: “interação entre pelo menos dois falantes; ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; presença de uma sequência de ações coordenadas; execução de atos numa identidade temporal; envolvimento numa interação centrada”.

Além disso, Myllyniemi (1986, p.149) orienta que a AC exhibe princípios básicos: a) o de ser uma atividade interacional, sendo, pois, uma forma social de caráter interativo com uma linguagem sistemática e recíproca; b) o de representar uma atividade localmente ordenada, por ser organizada turno a turno; c) o de significar uma atividade centrada, por apresentar um tópico e desenvolvê-lo *ad hoc*; e d) o de representar uma atividade localizada num contexto-reflexo, o que indica ter dois contextos, pois ao tempo em que se situa num contexto, é geradora de outro.

Segundo Santos (2002), a categoria da interação, muitas vezes, é tomada como conversação. Explica-se que aquela (interação) acontece no processo conversacional, e esta, no diálogo entre os interactantes, pertencendo ao quadro das interações verbais. Para Kerbrat-Orecchioni (2006, p.12), as interações podem ser *verbais* e *não verbais*. As primeiras acontecem por meio de elementos verbais (a conversação); as segundas realizam-se pelos não verbais, como a dança, os esportes coletivos, havendo a possibilidade de surgirem as mistas, com a realização de ações verbais e não verbais, a exemplo de uma consulta médica. Esse ritual interativo inicia-se com uma anamnese; a seguir aparecem o exame e o diagnóstico da doença, para, finalmente, acontecer a prescrição médica.

Para a análise de qualquer interação, necessário se faz observar seu inventário e sua tipologia, bem como as categorias de espaço e de tempo do acontecer interativo, o número e a natureza dos participantes, o objetivo da interação e, enfim, a sua finalidade e seu estilo.

A categoria da interação se ajusta ao ensino de línguas, procedendo à análise de situações de ensino-aprendizagem para mostrar o referencial teórico que envolve essa temática, afirmando que o discurso apresenta duas funções: a proposicional e a função ilocutória. Essas funções estão relacionadas à coesão e à coerência, no sentido de que a função proposicional centra-se no que as palavras dizem, tendo um conteúdo proposicional, que é ligado pelas marcas da coesão, e a função ilocutória relaciona-se ao que é feito com as palavras, como acusar, pedir uma informação etc., estando relacionada à coerência. Todo e qualquer discurso, seja oral ou escrito, pode ser definido pela relação com essas duas funções (KRAMSCH, 1984, p.10-1).

Kramsch (1984) admite que todo discurso é de natureza interativa. Nesse sentido, a transação verbal entre duas ou mais pessoas, bem como o monólogo e o discurso escrito são de caráter interativo. Assim, pode-se dizer, em relação ao informante deste trabalho, que o discurso monológico por ele assumido no programa de rádio é interativo.

Esse caráter interativo na construção do discurso oral, segundo Kramsch (1984), deve obedecer a três elementos: à interpretação, que consiste em entender os sinais dados por um texto ou interlocutor; à expressão, que se refere à reconstrução ou recriação do sentido interpretativo, envolvendo também as representações coletivas de dois ou vários participantes do discurso; e à negociação, em que há uma circulação do sentido entre os interlocutores do discurso, com o intuito de obterem um efeito de

sentido que condiga com a realidade do objeto teórico.

A negociação é considerada o ponto mais importante para o desenvolvimento do caráter interativo do discurso oral. Os elementos de negociação que são apontados para esse trabalho são os turnos de fala, bem como os temas discursivos e as tarefas comunicativas. O tipo de discurso voltado para esse processo de interação é chamado por Kramsch (1984) de discurso *regulativo* (centrado no mecanismo da interação), em oposição ao discurso *constitutivo*, que está ligado ao conteúdo do ensino, seus objetivos pedagógicos, além do aspecto didático e avaliativo.

No processo conversacional, categorias conversacionais podem aparecer nos gêneros orais e escritos, propiciando pistas para a negociação do sentido entre os interactantes conversacionais. Assim, é que os turnos e as hesitações, as noções de simetria e assimetria, as repetições, entre outros assuntos, fazem parte da análise que se faz do gênero propaganda oral.

3 | OS ESTUDOS RETÓRICOS

A discussão dos aspectos retóricos envolve pontuações que explicam sua definição e práticas argumentativas, sustentadas na tríade aristotélica *logos/pathos/ethos*, por meio da qual o orador, ao usá-la, procura persuadir o outro com o seu discurso.

3.1 Considerações acerca da definição

A Retórica é de origem jurídica, pois, na Grécia, surgiram os primeiros advogados, nomeados litigantes, por terem como missão defender os bens que foram retirados pelos inimigos. Essa palavra significava a única arma de defesa, razão por que é o discurso jurídico o herdeiro direto da chamada retórica tradicional. Os chamados litigantes tinham a incumbência de advogados, já que esses não existiam na época. Retórica, palavra proveniente do grego *rhetoriké* “arte da retórica”, costuma ser entendida em acepções diversas. Em sentido *lato*, mistura-se com a arte da eloquência em qualquer tipo de discurso.

A Retórica aparece definida, como manipulação do auditório (Platão); ou a arte do bem falar (*ars bene dicendi*, de Quintiliano); ou a exposição de argumentos ou discursos que devem ou visam persuadir (Aristóteles). Da primeira definição, surgem todas as concepções de retórica, centradas na emoção, na função do interlocutor e em suas reações, privilegiando o papel do auditório (*pathos*). Dessa forma, é o *pathos* quem comanda o jogo da linguagem, e a postura do orador, preocupando-se este com os efeitos desse jogo (MEYER, 2007, p.21).

A segunda definição diz respeito ao orador (*ethos*), à expressão, ao olhar sobre si mesmo e ao querer dizer. Meyer (2007, p.23), ao referir-se à retórica, menciona Quintiliano, com a seguinte ideia: “a retórica é a ciência do bem-dizer, por isso reúne

ao mesmo tempo todas as perfeições do discurso e a própria moralidade do orador, uma vez que não se pode verdadeiramente falar sem ser um homem de bem”.

A terceira definição diz respeito às relações entre o explícito e o implícito, o literal e o figurado, as inferências e o literário. Aristóteles privilegia o *logos*, que subordina a suas regras próprias o orador e o auditório, persuadindo um auditório pela força de seus argumentos ou procurando agradar esse auditório pela beleza do estilo, que pode comover todos aqueles a quem se dirige. O auditório é passivo ao orador de acordo com suas paixões.

Com a evolução histórica da Retórica, há a chamada Nova Retórica, com o Tratado da argumentação de Perelman, Tyteca (1996), grande marco significativo. Desse modo, surge uma definição que considera igualmente *ethos*, *logos* e *pathos*, priorizando a ideia que visualiza essas três dimensões que constituem a relação retórica por inteiro. Desse modo, para Meyer (2007 p. 25), “a retórica é a negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada”.

Há divergências acerca do que a Retórica realmente trata: uns a veem como a arte de argumentar; outros como estudos do estilo, em particular, das figuras. O que, de fato, é importante é o elemento comum entre esses dois aspectos: a articulação dos argumentos e a do estilo numa mesma função, com a finalidade de persuadir. A Retórica diz respeito ao discurso persuasivo, pois, se assim não for, também não será retórico. O ato de persuadir é levar alguém a crer em alguma coisa, sendo diferente de convencer, que é fazer compreender.

3.2 Acerca das funções retóricas

Os agentes comunicativos interagem, usando os elementos verbais e não verbais, a fim de que possibilitem a negociação do sentido, por meio dos gêneros discursivos que utilizam. Às vezes, esses agentes não conseguem, por motivos vários, como os desvios na linguagem, falta de elementos persuasivos, ou outras circunstâncias, embasar o discurso do interlocutor (*pathos*) figurativamente, no caminho do discurso persuasivo.

A Retórica tem essencialmente como meta esse tipo de discurso, deixando de lado o que assim não for. Para que essa persuasão seja conseguida, a Retórica possui funções específicas, tais como: a persuasiva, a hermenêutica, a heurística e a pedagógica. A função hermenêutica se imprime pelo conhecimento retórico que leva em conta os envolvidos no discurso, considerando que a retórica não é um acontecimento isolado, pois o orador, ao se expressar, assim o faz em consonância com seu interlocutor; ou a ele se opõe, em função de outros discursos.

A função heurística, a função da descoberta, que vem do grego *euro*, *eureka* (REBOUL, 2000), significa encontrar e defende que, para haver persuasão, há necessidade de, no mínimo, duas pessoas envolvidas em um discurso: uma que persuade e outra que se deixa persuadir. Com essa função, explica-se que a Retórica não é usada apenas para obter poder, mas para saber, para encontrar alguma coisa,

algum conhecimento. Quanto à função pedagógica, percebe-se que a Retórica, por apregoar a arte do bem dizer, já efetiva a arte do ser, instaurando-se assim a sua função pedagógica. A função persuasiva, a verdadeira função da retórica, tem como meta principal persuadir o outro pelo discurso.

3.3 Os argumentos representados pelos *ethos*, *logos* e *pathos*

Para persuadir o interlocutor, no processo interativo da linguagem, o orador precisa encontrar argumentos ideais. Colaborando com isso, a função persuasiva da linguagem norteia as regras do jogo discursivo, por meio da tríplice retórica, nomeada por Aristóteles *ethos*, *pathos* e *logos*: os dois primeiros de ordem afetiva e o último de ordem racional (REBOUL, 2000, p.47). Para Perelman-Tyteca (1996), há uma tipologia de técnicas argumentativas, que merecem destaque neste trabalho.

O *ethos* representa para os gregos não somente a imagem de si e a personalidade, mas também o caráter, os traços do comportamento e a própria escolha de vida. No sentido retórico, “é alguém que deve ser capaz de responder às perguntas que suscitam debates e que são aquilo *sobre o que* negociamos” (MEYER, 2007, p.34), ou ainda “é o orador como princípio (e também como argumento) de autoridade” (ibidem, p.34).

O *pathos* diz respeito ao auditório, sendo constituído pelo conjunto de emoções, sentimentos e paixões, o qual o orador deve suscitar no auditório, por meio do seu discurso. O orador deve levar em consideração as paixões do seu auditório, pois, se assumirem uma linha subjetiva, esse orador vai responder em função da subjetividade implicada. O *pathos* tem para Meyer (2007, p.40) uma grande dimensão retórica: 1. As perguntas do auditório; 2. As emoções que ele experimenta diante dessas perguntas e de suas respostas; 3. Os valores que justificam a seus olhos essas respostas e essas perguntas.

O *logos*, chamado argumentação propriamente dita, tem o dever de preservar as diferenças entre as perguntas e as respostas quando estas forem expressas. É tudo que está em questão. Para Souza (2013, p.17), “o *logos*, constituindo o discurso argumentativo, é a parte mais importante da oratória, aquela a que se aplicam as principais regras e princípios da técnica retórica”. É o tipo de argumentação que se centra na tese e nos argumentos apresentados, de maneira bem estruturada, do ponto de vista lógico e argumentativo.

Desse modo, os três elementos *ethos*, *logos* e *pathos* constituem a tríplice argumentativa. O *ethos* pode ser projetivo e efetivo: é projetivo quando imaginado pelo auditório e é efetivo aquele que de fato está falando. O *pathos*, por sua vez, também se apresenta como projetivo, quando o *ethos* necessita compreendê-lo diante do que está em questão (*logos*), e o *pathos* efetivo é aquele que se deixa persuadir quando suas emoções e crenças são ativadas.

4 | A ANÁLISE DA PROPAGANDA ORAL

Este trabalho insere-se numa abordagem qualitativa, uma vez que se volta ao estudo da aquisição do saber em processo e não na sua obtenção como produto. É uma linha de estudo que “requer que os investigadores desenvolvam empatia para com as pessoas que fazem parte do estudo e que façam esforços concertados para compreender vários pontos de vista” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.287).

O universo da pesquisa se constitui de CDs gravados, com duração de duas horas consecutivas de um programa de rádio em determinada emissora, localizada no agreste alagoano. Foram retiradas, aleatoriamente, 5 (cinco) propagandas orais para análise da argumentação à luz do suporte conversacional e retórico, das quais aparece uma. As transcrições foram feitas, seguindo as normas propostas por Marcuschi (1986) e Preti (1999), as quais estão nos anexos.

3.1 Amostragem

A amostragem 1 (um) diz respeito a uma propaganda referente à divulgação da eficácia do medicamento Tiogenol, considerado como de grande valia para a saúde de quem dele fizer uso. Ei-la transcrita:

Tiogenol fortalece você da cabeça aos pés...Tiogenol fortalece os ossos...combate casos de nervos fracos... desânimo e cansaço... contra dores do corpo... estresses... esgotamento físico... tome Tiogenol... Tiogenol é excelente para memória e anemia... Tiogenol O FORTIFICANTE DO TRABALHADOR ... Tiogenol já nas farmácias e drogarias do Brasil... quem toma Tiogenol passa a ter força de UM GRANDE TRABALHADOR.

Material de análise (*corpus*)

Trata-se, mais uma vez, de um gênero de língua oral, a propaganda, que se caracteriza pelas suas especificidades conversacionais, representadas por: *pausas* –cabeça aos pés..., os ossos..., nervos fracos..., desânimo e cansaço..., entre outros exemplos; *entonações enfáticas*: O FORTIFICANTE DO TRABALHADOR, UM GRANDE TRABALHADOR, *aliteração*, repetição da mesma palavra no início de cada juízo de valor acerca do referencial Tiogenol; *paralelismos sintático e semântico*: Tiogenol fortalece você da cabeça aos pés/Tiogenol fortalece os ossos/... combate casos de nervos fracos... desânimo e cansaço... contra dores do corpo... estresses... esgotamento físico.../... tome Tiogenol...etc.

É uma conversação assimétrica, em que o orador usa um único turno, possibilitando o surgimento da sua imagem (*ethos*), que procura, por meio dos argumentos (fortalece os ossos... combate casos de nervos fracos... desânimo e cansaço... etc.), que utiliza acerca do remédio Tiogenol, despertar emoções no auditório (*pathos*) para a aquisição do produto farmacêutico. Todo esse conhecimento sobre o objeto negociado formaliza

a constituição do *logos*.

O repórter usa o nome do produto “Tiogenol O FORTIFICANTE DO TRABALHADOR”, em que o nome trabalhador é evocado com a intenção de passar a ideia implícita de que é o trabalhador a classe social que mais precisa de força, saúde e virilidade. Anuncia também o lugar onde pode ser adquirido o produto, facilitando, desse modo, a sua aquisição, quando diz: “Tiogenol já nas farmácias e drogarias do Brasil”.

O uso da imagem do trabalhador é novamente evocado no término da propaganda para reforçar a ideia de que “quem toma Tiogenol passa a ter força de UM GRANDE TRABALHADOR”. Um ponto bem marcante no texto é a presença da repetição propriamente dita, marca específica da oralidade, como forte argumento persuasivo, o da autoridade, para reforçar a importância do produto em relação à dos concorrentes. Quanto às repetições, na oralidade, significando formas que contribuem para a organização textual. Marcuschi (2006, p.219) assim enuncia: “as repetições conduzem à produção de segmentos inteiros duas ou mais vezes, motivados pelos mais diversos fatores, sejam eles de ordem interacional, cognitiva, textual ou sintática”.

Neste tipo de propaganda, evidencia-se a presença da argumentação quase-lógica por esta se apresentar quase de maneira explícita (PERELMAN, TYTECA, 1996, p.220). É o que acontece então com a sequência de argumentos, já comentados, em favor do medicamento Tiogenol. Essa sequência argumentativa quase-lógica traz uma base constituída de argumentos, a qual completa o sentido a favor da causa defendida.

Quanto às funções retóricas, a função persuasiva dá-se fortemente por meio da repetição do termo “Tiogenol fortalece... Tiogenol fortalece...”, com o objetivo de persuadir e convencer o ouvinte de que esse produto é eficaz. Outra função que se faz presente é a heurística, ao revelar os benefícios da atuação desse medicamento no organismo “fortalece você da cabeça aos pés... fortalece os ossos... combate casos de nervos fracos... desânimo e cansaço... contra dores do corpo... estresses... esgotamento físico...”. A organização em sequência da propaganda aponta para a função retórica pedagógica, revelando como os argumentos podem ser enunciados, a fim de melhor explicar as características do produto divulgado.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da propaganda oral (*spot*), em ambiente de aula, significa propiciar conhecimentos sustentados nos segmentos específicos a seguir: a) os saberes retóricos, tomados na linha da Nova Retórica, concedem ao discente/docente competência retórica para não somente convencer alguém acerca de um assunto, mas também persuadi-lo na realização de uma ação pretendida; e b) as relações estabelecidas entre *ethos*, *pathos* e *logos*, por meio do discurso possibilitam a eficácia persuasiva.

Além disso, acentua-se que os aspectos da oralidade, como as pausas, os alongamentos de vogais, as repetições, as entonações enfáticas, corroboram o trabalho com a oralidade em sala de aula e que o estudo da oralidade deve entrar no espaço de sala de aula pela importância que traz na formação linguístico-cultural dos integrantes desse espaço pedagógico, representado, sobretudo, por professores e alunos.

Dessa maneira, indicar a oralidade nas questões do ensino de língua exige entender as línguas não apenas como um código que permite a comunicação, “mas fundamentalmente uma atividade interativa (dialógica) de natureza sociocognitiva e histórica” (MARCUSCHI, 2004, p.20).

Assim, o trabalho evidenciou que, no gênero propaganda oral, apareceram marcas retóricas, a exemplo do emprego de argumentos, além de linhas conversacionais, pelo uso de turnos, marcas da oralidade e de outras categorias. O retor, pelo uso dos elementos apontados nas análises, atribuiu maior clareza ao sentido do objeto nas relações de sala de aula ou em outros ambientes. Além disso, presume-se que é possível uma troca de saberes para persuadir o outro com o uso desses elementos do discurso. Tudo isso ratifica a existência dos elementos retórico-conversacionais nas relações de sala de aula e em outros ambientes, além da efetivação da função persuasiva da retórica.

A junção entre a Retórica e a Análise da Conversação tornou-se possível não apenas por ambas estarem implicadas nos estudos textuais, mas ainda por tomarem a oralidade como elemento passível de análise. Em ambas as perspectivas, a língua, seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita, dispõe de características linguísticas que contribuem para o processo de pesquisa, mediando os estudos de sala de aula, por meio da interação e da conversação – categorias que regem as condições de ensino e aprendizagem para as discussões do ensino linguístico.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suarez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 13. ed. Cotia: Ateliê, 2009.
- ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. 14. ed. Tradução Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Ediouro Publicações, s/d.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em Educação; uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradutores: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: LTDA., 1994.
- COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de Gêneros Textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística, domínios e fronteiras*. volume 2 São Paulo: Cortez, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes *et aliae*. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GALEMBECH, Paulo de Tarso. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de Textos orais*. São Paulo: FFLCH/ USP. 1993.

GOFFMAN, Erving. *Les rites d'interaction*. Traduit de l'anglais par Alain Kihm. Paris: Leséditions de minuit, 1987.

_____. Footing. Tradução Beatriz Fontana. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

KERBRAT-ORECCHIONI, Cathérine. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. Trad. Calos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

KRAMSCH, Claire. *Interaction et discours dans la classe de langue*. Paris, HatierCredif, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2001a.

_____. Oralidade e Ensino de Língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONÍSIO, A. P. e BEZERRA, M.A. (orgs.) *O Livro Didático de Português, Múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucena, 2001b.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva *et aliae*. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. Repetição. In: JUBRAN, C.C. A.; KOCH, I.G.V. (orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil; construção do texto falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MEYER, Michel. *A retórica*. Revisão técnica: Lineide S. Mosca. Trad. Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

MEURER, J. L. Gêneros Textuais na Análise Crítica de Fairclough. In BONINI, Aldair *et alii*. (orgs.). *Gêneros: Teorias, Métodos, Debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MYLLYNIEMI, Rauni. Conversation as a system of social interaction. *Language and Communication* 6: 147-169, 1986.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de Argumentação: A nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 2. ed. São Paulo: FFCH/USP, 1993.

_____. (Org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. e JEFFERSON, G. *A simplest systematics for the organization of turn-taking in conversation*. *Language*. 50: 696-735, 1974.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. *Professor-aluno; as relações de poder*. Curitiba: HD Livros, 19

_____. *A interação em sala de aula*. 2 ed. Recife: Bagaço, 2004.

SAUSSURE, de Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Org. por Charles Bally e Albert Sechehayecom a colaboração de Albert Riedlinger. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

SILVA, Luiz Antônio da. Conversação: modelos de análise. In: _____ (org.) *A língua que falamos*, português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005.

ANEXO 1

Transcrições da propaganda (Rádio Novo Nordeste, Arapiraca-AL. 02/11/12)

Tiogenol fortalece você da cabaça aos pés... Tiogenol fortalece os ossos... combate casos de nervos fracos... desânimo e cansaço... contra dores do corpo... estresses... esgotamento físico... tome Tiogenol... Tiogenol é excelente para memória e anemia... Tiogenol O FORTIFICANTE DO TRABALHADOR... Tiogenol já nas farmácias e drogarias do Brasil... quem toma Tiogenol passa a ter força de UM GRANDE TRABALHADOR..

ANEXO 2

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos.	()
Hipótese do que se ouviu.	(hipótese)
Truncamento brusco: quando alguém é cortado pelo parceiro ou quando o falante corta uma unidade.	/
Entoação enfática.	MAIÚSCULA
Prolongamento de vogal e consoante.	::podendo aumentar para:::ou mais
Interrogação.	?
Qualquer pausa, como: ponto-e-vírgula, vírgula, ponto-final e dois pontos.	...
Comentários descritivos do transcritor.	((minúscula))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático.	-- --
Sobreposição de vozes: usa-se a partir do ponto que começa a outra fala.	[
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto.	(...)
Falas simultâneas: dois falantes ao mesmo tempo.	[[
Sinais de pausa.	+ para cada 0,5s. Para pausa além de 1,5s, indica-se o tempo.
Sinais de entonação: aspas duplas correspondem mais ou menos ao ponto de interrogação.	“ ”

Repetições.	Duplica-se a parte repetida.
Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção.	ah, éh, oh, ih, ahã, ehn, uhn, tá
Citações.	“citação”
Iniciaismaiúsculas.	Para nomes próprios ou siglas
Não se usa ponto de exclamação.	
Indicação de transcrição parcial ou de eliminação	... ou /.../

CrITÉRIOS de transcrição, segundo Marcushi (1992) e Preti (1998).

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-89-5

